

# **A questão tecnológica e a qualificação profissional**

Qualificação técnica e qualificação social: em busca de uma visão pós-habermasiana

Rogério Valle

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

AMÂNCIO FILHO, A., and MOREIRA, MCGB., orgs. *Saúde, trabalho e formação profissional* [online]. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1997. 138 p. ISBN 85-85471-04-2. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

# QUALIFICAÇÃO TÉCNICA E QUALIFICAÇÃO SOCIAL: EM BUSCA DE UMA VISÃO PÓS-HABERMASIANA

*Rogério Valle*

Pode-se imaginar qualificação técnica e qualificação social como duas esferas que se opõem, as quais sabemos constituídas de matérias diferentes, mas que temos dificuldades em separar. Pretendo analisar a relação existente entre as duas segundo uma perspectiva diacrônica.

Em um momento inicial, a técnica foi tratada como algo à parte da sociedade. Tinha-se o progresso técnico como algo linear, autônomo em relação às opções políticas e às características culturais da sociedade. Essa era, mais ou menos, a visão dominante no final do século passado, quando o evolucionismo, o naturalismo, o racionalismo eram as tendências prevalentes. Até mesmo Marx não escapou dessa concepção, ainda que tenha tentado ser mais dialético do que evolucionista (ele, afinal, não poderia ser melhor do que o seu próprio tempo...). O desenvolvimento acelerado da economia mundial capitalista no século XX reforçou muito a idéia do 'determinismo técnico', segundo a qual a sociedade seria determinada pela evolução da técnica, tendência assumida, grosso modo, tanto pela direita quanto pela esquerda.

Somente com os teóricos da Escola de Frankfurt é que se rompe com essa visão determinista. Marxistas que leram Weber começaram a perceber que o desenvolvimento técnico-científico constituía uma ameaça à evolução da sociedade e não era apenas algo vantajoso. Então, da "técnica e ciência como libertadoras", passa-se à concepção da "técnica e ciência como opressoras". Marcuse, um dos mais conhecidos pensadores dessa Escola, afirmava que uma nova sociedade exigia uma nova técnica e uma nova ciência. Mas outros 'frankfurtianos' foram bem mais radicais. Adorno, no fim da vida, afirmou que somente a arte traria a salvação, fora do estético nada poderia ser feito, o mundo estava se aproximando do fim. A Escola de Frankfurt foi dominada por forte pessimismo. Seus teóricos não vislumbravam saídas, na medida em que modernização era racionalização, e racionalidade significava exclusivamente a racionalidade instrumental.

No Brasil, essas duas concepções influenciaram primordialmente a esfera acadêmica. Com a fase desenvolvimentista, a própria universidade brasileira começou a acreditar bastante nessa idéia do determinismo técnico. Em várias análises, os próprios sociólogos discutiam o nível de modernidade nos setores industriais, como se ele fosse capaz de determinar a consciência dos trabalhadores. Uma série de pesquisas, nos anos 50 e 60, demonstrava ser a natureza da consciência dos trabalhadores consequência do setor industrial em que atuavam ou, mais exatamente, do grau de modernidade desse setor.

Quanto à visão da Escola de Frankfurt, ela acabou ressoando no País de forma indireta. No Brasil, não se tem consciência de que a crítica à ciência e à tecnologia surgida nos anos 70 é uma consequência da ruptura introduzida por aqueles teóricos alemães. Foi a partir da leitura de autores como o francês B. Coriat, por exemplo, que surgiu uma série de teses sobre as influências socialmente negativas do desenvolvimento técnico, criticando-se duramente a organização taylorista do trabalho como forma de controle dos operários. Sem dúvida, o controle é exercido, mas é uma simplificação extrema reduzir toda a técnica ao taylorismo, como se ele tivesse sido utilizado em todas as indústrias, o que de fato não ocorreu. Enfim, analisava-se o modelo taylorista e concluía-se que técnica era sinônimo de opressão.

Essas duas visões parecem inadequadas porque são exclusivamente sistêmicas. Analisa-se, de um lado, a sociedade como um sistema social a ser regulado, segundo a melhor tradição da sociologia americana. É o sistema que nos oprime, como se dizia no fim dos anos 60 e início dos 70. A culpa é do sistema, não há nada a fazer, porque ele está em todo lugar. A sociedade seria exclusivamente um sistema social, caracterizado por um desenvolvimento tecnológico intenso e a fábrica seria um subsistema social. Só haveria opressão e nenhuma forma de resistência dos trabalhadores seria possível.

Ora, a realidade não é só essa. A sociedade é construída, também, pela resistência das pessoas, que reagem à 'burrificação' geral. Somos capazes de indignação diante da estupidez. Essa é a minha opinião a partir do que venho observando em fábricas brasileiras. Aliás, sem uma análise da resistência operária, não é possível entender realmente o que é produção, nem o que é técnica. Embora não seja um estudioso da área, arrisco-me a afirmar que é impossível entender algo sobre o sistema de saúde brasileiro se acreditarmos cegamente no que está escrito. É preciso ver como é a ação real das pessoas, se elas se conformam com as normas escritas. Seria interessante verificar se há uma organização informal ao lado da formal. Dentro dessa organização informal (que freqüentemente é vista como 'bagança', e muitas vezes realmente o é), com freqüência há também muito de resistência à opressão, resistência aos aspectos negativos da sociedade.

Enfim, essas duas visões, em que só há o sistema, carecem de uma perspectiva que a fenomenologia alemã chamava de 'mundo da vida'. Não vivemos num sistema social que nos domina, que nos empurra inexoravelmente para uma so-

cidade tecnocrata, de um lado, ou, então, para o controle total. A sociedade não é apenas uma grande máquina. A sociedade industrial, é verdade, vive tão fascinada pelo exemplo da máquina, que ela própria, em alguns casos, se comporta como uma máquina de opressão e, em outros, como uma máquina de libertação. Parece-me, entretanto, que se, por um lado, ela é um sistema, por outro, é também um mundo da vida que corresponde à perspectiva interna (não à perspectiva externa, de quem está de fora). O sistema é a visão da sociedade de quem está do lado de dentro e constata que existem a opressão e a resistência, o positivo e o negativo, a dor e a alegria, o trabalho e o lazer. Então, essa visão interna é elaborada a partir da experiência de vida dos participantes da construção da sociedade.

O ideal, então, seria conseguir reunir a perspectiva sistêmica e a perspectiva do mundo da vida. Como reunir essas duas perspectivas? Creio que ambas são necessárias. É preciso olhar as coisas de fora e de dentro. É necessário saber que, olhando as coisas do lado de fora, não se tem o conhecimento total da realidade, porque há muitos aspectos por dentro que deixam de ser vistos. Também é necessário saber que, estando-se dentro, muitas vezes, perde-se a visão global.

Voltando ao tema que me foi apresentado: como honrar as exigências que nos são feitas, seja pela técnica, seja pelo social? Partindo da hipótese de que desejamos caminhar para uma sociedade mais justa, temos que evitar dois tipos de deformação ideológica. A primeira é a idéia de legitimar decisões políticas por meio da técnica. A técnica não tem efetivamente o poder de legitimar questões que dizem respeito à própria vida política. Isso, como dizia o primeiro Habermas, é transformar a técnica em ideologia. A técnica pode se transformar em ideologia quando invocada para responder a um problema social, que merece uma reflexão própria, um tratamento segundo a racionalidade própria da instituição política, por exemplo. Por outro lado, não podemos também nos deixar levar por um voluntarismo político que julgue poder passar por cima de assuntos que requerem reflexão propriamente técnica. Não é possível realizar tudo o que desejamos politicamente. Algumas metas são exequíveis, outras não.

Em suma, não pode haver uma separação radical entre a técnica e a sociedade, nem tampouco uma fusão entre elas. A primeira visão, aquela do progresso técnico linear e autônomo, separava a técnica da sociedade. A segunda visão, de Marcuse e outros, confundia técnica e dominação, numa fusão entre os dois domínios. É preciso compreender que se trata de duas esferas que não vivem em situação de estranhamento mútuo, nem de completa confusão. Na verdade, essas duas esferas possuem uma racionalidade própria, racionalidade técnica de um lado, racionalidade social de outro, mas que se questionam incessantemente.

Sem invocar, mais uma vez, a 'solução dialética' de que todos falam, mas ninguém sabe bem o que é, penso que a ação é possível. Acredito, sim, na dialética, desde que enfocada a partir da prática. Não estamos completamente dominados por sistemas que nos oprimem. Compreende-se que essa idéia tenha sido alimen-

tada enquanto vivíamos sob uma ditadura, mas já está na hora de dar um passo além, se nosso objetivo é realmente construir uma sociedade mais justa. É no âmbito da ação que nos cabe encontrar respostas para esse questionamento incessante, que vem da técnica e do social. Para encontrar um equilíbrio dinâmico entre essas duas esferas, é necessário certo tipo de lucidez, que pode ser ajudada por alguns métodos. (Felizmente, há métodos para nos ajudar.) Por exemplo, uma discussão coletiva entre os participantes interessados diretamente no assunto, uma discussão multicritérios, e não a partir de um critério só, o econômico, por exemplo. Um debate a partir das consequências possíveis de uma solução técnica (ecológicas, sanitárias, éticas etc.). Uma tomada de decisão coletiva, com troca de argumentos ligados a cada esfera, coerentes do ponto de vista técnico, mas também em face do projeto social que se tem. Certamente, uma reflexão nesses termos é capaz de nos levar a uma ação lúcida. Uma ação que seja capaz de equilibrar as exigências que nos vêm desses dois domínios.

Para que um debate como esse seja possível, há várias condições. Em primeiro lugar, condições políticas mais amplas. Não vou detalhá-las, porque me parecem bastante claras. Mas há ainda uma exigência ligada à capacidade de argumentar dos diversos agentes. É uma ilusão – freqüentemente, bem mais do que isso – pensar que se pode garantir uma decisão democrática simplesmente juntando pessoas que nunca falaram em público, que nunca tiveram direito à palavra, com outras que estão acostumadas a lidar com esse tipo de discurso (um político, por exemplo). Não basta apenas dizer: “meus caros, a palavra está aberta; que cada um fale...”. É preciso que as pessoas tenham a capacidade de saber defender seus argumentos. E aí chegamos ao problema da qualificação. A condição inicial para esse debate seria que os participantes tivessem qualificação técnica e sociológica, bem como clareza para não confundir esses domínios.

Numa sociedade moderna – nisso Weber tinha razão –, as esferas de valor seguem leis autônomas. Isso é razoavelmente claro. O que não é óbvio é que, por causa disso, devemos abandonar a perspectiva de uma conciliação dialética entre essas esferas no nível da experiência. Porque é no nível da experiência, no nível de nossa ação, que é possível realmente fazer essa síntese. De fato, ela é muito mais difícil no plano das idéias.

É muito simples afirmar isso, mas tenho a esperança de que consigamos, por meio de nossa ação, dar passos firmes no sentido de um equilíbrio entre a lucidez técnica e a sociológica que nos conduza a uma sociedade menos injusta.

Sintetizando, a questão da qualificação – que está ligada à da educação – requer uma discussão entre o social e o técnico. No entanto, para que haja um verdadeiro debate; para que se tome, democraticamente, uma decisão sobre implantar ou não tal rede de esgotos em tal bairro; para escolher uma alternativa entre soluções técnicas que devam ter repercussão muito forte na vida da comunidade interessada; para que o debate não seja simplesmente ilusório, é necessário que seus participantes tenham qualificação técnica e qualificação sociológica, com conhecimento da realidade a ser enfrentada.